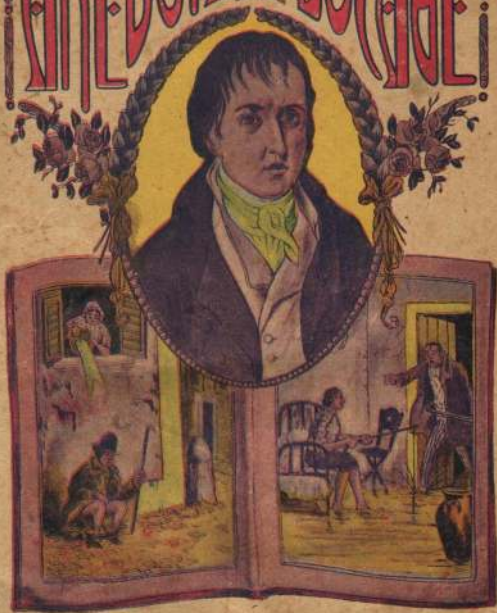


ANEDOTAS DE BOCAGE



EDITORIAL MINERVA — 31, Rua Luz Soriano, 33 — LISBOA

LIVRO DAS GARGALHADAS

Anedotas de Bocage

NOVA EDIÇÃO



1944

EDITORIAL MINERVA
31, Rua Luz Soriano, 33
L I S B O A



Anedotas de Bocage

Conversavam duas vélhas fidalgas com Bocage, em casa da condessa de Oyenhausen e uma delas diz, muito pesarosa:

— Não sabem quem está muito doente, quási à morte? É o barão do Freixo.

— Como assim? — interrogou a outra vélha. — Aquêlê que casou há três meses com a afilhada? Lá fica viúva a pobre rapariga.

— Mas eu ainda não disse tudo. A baronesa, a noivazinha, também caiu gravemente enfêrma. Parece um hospital aquela casa.

— Ora, ora, que infelicidade! — diz o brejeiro do Bocage. — Querem as senhoras ver que, no fim de três meses de casados, ficam ambos viúvos.

* * *

Havia em Lisboa um pintor com muita vaidade e menos talento.

Um dia disse a Bocage:

— Não sabes? Vendi o meu último quadro por 200 mil réis.

— Fizeste mal — disse o poeta.

— Por quê? — disse o outro.

— Porque conheço um sujeito que dava 400 mil réis só para o ver.

— Deveras?! — exclamou o pintor. — Ah! O que é o talento... só para o ver?!...

Bocage terminou sêcamente:

— Sim, porque é cego.

O outro encavacou com a piada.

* * *

Estava uma vez Bocage sentado no bispote a fazer um *serviço pessoal*, quando um amigo, bastante ignorante, se lhe acercou:

— Ó Bocage! Ó Bocage! Faze-me esta conta, por favor. Já quis multiplicar, mas não me dá certo; estou hoje muito burro!

— Como sempre... — suspirou Bocage, que nessa ocasião estava fazendo grande força e tinha a cara muito vermelha.

— Vê se me acertas... Olha: são 5 vezes 596. Multiplicas?

Bocage, mesmo atarefado como se achava, escreveu na parede a conta.

— Ai tens: são 2980.

— Tens a certeza, Bocage? Não haverá engano?

— *Tira-lhe a prova*, — concluiu o poeta, levantando-se e apontando para a tarefa que acabava de fazer.

* * *

Querendo uma vez o poeta expressar a grande vontade de comer que tinha, saiu-se com esta quadra, que é notável pela agudeza do conceito:

*Se alguma palavra digo
e o hálito à boca pucho
sobem as tripas e o bucho
a escutar se eu mastigo.*

* * *

Um fidalgo, encolerizado por causa de umas sátiras que Bocage lhe dirigira, exclamou uma vez, entre os amigos:

— Os epigramas daquêlê grande corno são mais rijos do que chavelhos.

Bocage soube disto e, num dia de Carnaval, arranjou uma enfiada de chifres e passou pela rua onde morava o fidalgo, a apregoar:

— Quem compra ornamentações?

Ao passar mesmo por debaixo da janela onde estava o fidalgo, repetiu o pregão e seguiu o seu caminho, dizendo :

— Não faço negócio nesta casa. Aqui todos têm desta fazenda.

Assim se vingou o poeta do nome injurioso que lhe chamara o fidalgo.

* * *

Elmano, quando esteve na Índia como guarda-marinha, foi um dia convidado por uma senhora para ir à caça com o marido dela.

Na carta que escreveu ao poeta, a dama esquecera-se de cedilhar a segunda sílaba de *caça*. O que ela queria dizer era que Bocage acompanhasse o marido na caça em que êle era exímio.

Mas Bocage é que não esteve com considerações justificativas da dama. Julgou-se achincalhado, e logo lhe respondeu por escrito :

Senhora :

Recebi o seu convite para ir à caça com o seu marido. Não posso ir. Vá V. Ex.^a e sirva-lhe de depósito.

* * *

Um mercador da rua dos Fanqueiros deu a Bocage um corte de briche fino, para êle mandar fazer um fato, em paga de uns versos que o grande

poeta dedicara aos anos de sua filha. Bocage, que não tinha dinheiro para o feitiço da roupa, embrulhou-se na fazenda como se fôra em chale-manta e foi, passados oito dias, agradecer a dádiva ao mercador.

— Então, Bocage, — perguntou-lhe o lojista muito admirado, — não mandaste fazer o fato?

— Hei-de mandar, hei-de mandar, — respondeu o poeta, — mas ando a ver primeiro em que param as modas.

* * *

Pergunta uma solteirona a Bocage:

— Quanto tempo julga o senhor que um homem deve estudar uma mulher antes de casar com ela?

— Tôda a vida, — respondeu o poeta.

* * *

Bocage exclamou um dia no Nicola:

— Os tempos vão maus e eu abandonei provisoriamente a literatura.

— Então que fazes agora? — perguntou-lhe um amigo.

— Dediquei-me ao comércio.

— Qual?

— Sou negociante de móveis.

— E vendes muitos?

— Por enquanto só vendi os meus.

* * *

De regresso de uma viagem, Bocage dá entrada no bródio onde se tornou célebre.

Tendo-se relacionado com todos os pândegos daquela sua época, estes foram a casa, chamaram uns galegos e carregaram com a mobília do imortal poeta.

Quando Bocage chegou, viu aquilo e, calculando logo que lhe queriam fazer partida, deixou sair o último moço e caminhou atrás dêle sem dizer palavra. Tinha dado alguns passos, quando apareceram os tais amigos e lhe perguntaram:

— Ó Bocage, então que é isto?

— Não sei, vou de casa mudada não sei para onde!

* * *

Numa relínião em casa das Castros, foi, durante a noite, Bocage causticado por uma senhora com pretenções a graciosa, tomando por pretexto a gravata verde que o poeta levava, que, diga-se com verdade, destoava completamente do fato escuro com que ia vestido.

— Que bonita gravata! Que bem lhe fica! Que fino gosto!

Bocage, já muito farto de a ouvir, fê-la calar, dizendo-lhe:

— Pelo que tenho ouvido, vejo que V. Ex.^a gosta muito do *verde*.

* * *

Um dia, foi o poeta convidado para assistir a um chá de família, pelo comendador Augusto Xavier da Silva, amigo da família de Bocage.

Silva, querendo fazer a sua partidinha, pôs um chá muito quente na chávena do poeta e exclamou:

— Um prémio a quem tomar o chá mais depressa.

Bocage pôs a chávena à boca, fêz uma careta, e deixando escapar um p... exclamou:

*Foge desgraçado,
Que morres escaldado!*

* * *

Estava Bocage à porta de uma charutaria quando passava um entêrro. Numa das coroas que guarneciam o caixão, via-se nas fitas estas iniciais: *V. F. T.*

Formou-se uma contenda sôbre a significação daquelas letras. Dizia um dos presentes que devia ser o nome do morto, outro opinava que podia ser o nome da pessoa que oferecera a coroa. Nisto, interveio Bocage, dizendo:

— Aquilo é o destino do morto.

— Como assim?! — interrogam os presentes.

— Sim, —olveu o poeta, — aquilo é o destino do morto: *V. F. T.* — Vai Fazer Tejolo.

* * *

Uma vizinha de Bocage, muito bonita, muito namoradeira mas que só se afeiçoava a militares, adoeceu.

O seu médico, falando uma vez com o poeta, de quem era amigo, disse-lhe:

— A doença tem, realmente, certa gravidade mas espero que triunfaremos do mal, caso a enferma se sujeite a seguir um bom regime.

— Ó doutor, — atalhou logo Bocage — se quere salvar a pequena, não a obrigue a seguir um bom regime, aconselhe-a antes a seguir um regimento.

* * *

Bocage fôra pela primeira vez a casa dos pais da sua noiva, onde almoçara.

No final, a rapariga, já um pouco animada, disse a Bocage:

— Estou, enfim, convencida que vós *ma'mais*.

— Perdão! — bradou o imortal repentista, — não mammo desde a idade de um ano, senhora.

* * *

Pelo Rossio, ia Bocage correndo numa tarde de revolta.

Como havia rumores de revolta no norte do país, tudo quanto era extraordinário se tornava suspeito. Demais, Bocage ia gritando:

— Novas! Novas! Há novas!

Muita gente, na boa fé, seguia Bocage correndo também. Na rua do Ouro, aí pelas alturas dos Armazéns Grandela, iam atrás d'êle mais de quinhentas pessoas.

Bocage seguiu até ao Terreiro do Paço. E aí, subindo a um banco do cais, rodeado de muita gente, pediu silêncio.

Todos se calaram, para ouvir as *novas*. Mas Bocage, mostrando as botas que trazia calçadas, disse:

— Novas, compradinhas agora mesmo...

* * *

Sabendo Bocage que tinha morrido a filha de um merceeiro vizinho, dedicou-lhe como epitáfio, uns versos muito sentimentais.

O merceeiro, querendo ser agradável ao grande poeta e sabendo que êle passava necessidades, enviou-lhe dois quilos de superior café. Bocage aceitou a encomenda, dizendo ao portador:

— Diga lá que eu não costumo tomar café sem açúcar.

* * *

— Já estive em Madrid, senhor Bocage?

— Já, sim, minha senhora.

— E que impressão sentiu?

— Admirável! Nunca tinha ouvido tanta gente a falar espanhol!

* * *

Um dia, ia Bocage por uma das estradas circunvizinhas da capital, quando viu um figurão a «desovar» plácida e junto ao muro.

— Ó seu patife! — exclamou o poeta. — Então você está fazendo isso aí?

— Oh, senhor, eu...

— Não me conhece? Não sabe que eu sou a autoridade administrativa dêste concelho?

— Queira perdoar, mas eu...

— Meta imediatamente isso tudo nos bolsos!

— Oh, senhor...

— Já! — exclamou Bocage, com intimativa.

O pobre homem obedeceu, transido de pavor, e foi seguindo o seu caminho.

Bocage seguiu-o disfarçadamente. E, quando o pobre diabo chegou às portas, o poeta gritou:

— Esse homem leva contrabando.

Os guardas obrigaram-no a parar. Mas êle, lembrando-se do contrabando que levava, ficou branco como êste papel de impressão.

— Mostre-me o que leva nos bolsos.

— Nada, senhores! Eu não levo nada que...

— Deixe ver.

— Mas... palavra de honra que...

Os guardas, cada vez mais desconfiados dêle, ameaçaram-no, agarraram-no e, como êle resistia, meteram-lhe as manôpulas nas algibeiras...

Imagine-se as caras dos ferrabrazes, ao achar tão estranho contrabando. Bocage fugiu, é claro.

* * *

Bocage foi convidado para um concurso de beleza.

Um amigo perguntou-lhe qual das damas achava mais bonita, ao que ele respondeu:

— Meu caro, de pintura não percebo nada!

* * *

Um fidalgo queria convidar o poeta para jantar em sua casa, mandou-lhe um fato novo, com a recomendação expressa de o levar vestido, afim de ir mais decente.

Chegada a hora do jantar, Bocage senta-se à mesa e começa a encher as algibeiras do fato com comida.

Admirados os comensais, Bocage responde:

— Isto é porque o fato é que é o convidado.

Calcule-se a cara do dono da casa.

* * *

Um amigo de Bocage, convidou-o para jantar.

O poeta foi pontual, mas quando chegou já a refeição estava concluída.

O dono da casa ordenou ao criado que trouxesse a sopa. O poeta destapou a terrina e viu que continha palha.

Tapando-a, disse:

— Não como sobejos de ninguém!

O dono da casa ficou embasbacado.

* * *

Um malandrim que foi preso por furto de um relógio pediu uma esmola a Bocage, que passava nessa ocasião, prometendo emendar-se. O poeta deu-lhe um pinto.

De aí a um mês, o mesmo malandrim mandou-lhe pedir outra esmola, dizendo que tinha sido novamente preso mas que se ia emendar.

Bocage mandou-lhe outro pinto e escreveu-lhe num bilhetinho:

«Ai vai isso. Peço-lhe que não se emende tanto amiúde».

* * *

Certo sujeito que não queria falar a Bocage, quando éste o procurava para lhe pedir uma carta de empenho, escondeu-se atrás de um reposteiro, na ocasião em que o criado abria a porta para dizer que o amo tinha saído. Bocage, vendo reflectidas no espelho as botas do sujeito, escondido atrás do cortinado, disse para o criado:

— Já saíu? Paciência! Faça então o favor de dizer ao seu amo que para a outra vez, quando sair, não deixe os pés em casa.

* * *

Uma noite estava Elmano num sarau-dançante em casa de D. Vicentina. O mestre-sala ia anunciando os recém-chegados.

— S. Ex.^a o senhor conde.

— S. Ex.^a a baronesa.

— O senhor Mata.

De-repente, Bocage levanta-se e sai do salão apressadamente. O baile começou e nos intervalos da dança havia intermédios cómicos num dos quais devia entrar Bocage.

Foram em ocasião oportuna procurar o poeta, a quem encontraram, depois de muito trabalho, a palestrar com a criada na cozinha.

— Ó senhor Bocage? Então foge da sala sem mais nem menos? Deixa-nos desprevenidos?

— V. Ex.^a é que tem a culpa, — diz Bocage, dirigindo-se à dona da casa. — Eu não fugi por partida.

— Então quem o empurrou? Não nos dirá, senhor Bocage? — perguntou D. Vicentina.

— Para que convida V. Ex.^a para sua casa um assassino?

Espanto geral. Alguns dos assistentes lembram-se de que é partida de Bocage; mas, olhando para o poeta, vêem-no de sobrolho carregado e transido de susto. Emoção no auditório.

— Quem se atreveu então a entrar nesta casa sem minha ordem?! Chamem-se todos os serviçais.

— Não é preciso; eu digo quem é assassino.

E Bocage indica o senhor Mata.

— O senhor Mata?

— Logo quem mata... é assassino.

Gargalhada geral, cujos ecos se repercutem por todos os salões da casa.

O poeta é levado em triunfo.

* * *

Quando Bocage morava no primeiro andar de um pardieiro velho do bairro da Graça, o vizinho da loja, que era um belo caçador, incomodava-o muitas vezes de manhã cedo, a experimentar armas, disparando-as de casa para o muro do quintal.

Uma madrugada, em que o vizinho o fizera acordar sobressaltado com os tais exercícios, Bocage levantou-se desesperado, pega num martelo e quebra o pote da água que tinha no quarto.

Imagine-se, uma talha cheia de água despejada em um sobrado velho. Foi uma inundação que alagou a casa do vizinho.

Berra êste, berra a mulher, berram os filhos, batem para cima e Bocage, muito satisfeito com os pés frescos, gritava para baixo:

— Não é nada... não se assustem! Cada doido tem a sua mania. O vizinho anda tôdas as manhãs à caça... eu agora ando na pesca!

Colecção do Povo a 1\$50

Faz-me Rir — livro de anedotas.
História do «Príncipe Orelhas de Burro».
A Bondade das Mulheres...
História de José do Telhado.
Histórias da Carochinha.
Fados e Canções.
História do Pinóquio.
Branca de Neve e os Sete Anões.
A Significação dos Sonhos.
Anedotas de Bocage.
História do Toiro Azul.
História de D. Ignez de Castro.
História da Princesa Branca-Flor.
O Menino da Mata e o seu Cão Piloto.
História da Gata Borralheira.
História de João Soldado.
O Livro dos Namorados.
História do Cavalo Encantado.
O Vosso Futuro, ou Arte de Deitar Cartas.
História de João de Calais.
Confissão do caixeiro que dava sôcos
na gaveta do patrão.
História de Carlos Magno.
História da Princesa Magalona.
História de João Pateta.
História de Joana d'Arc.
Contos da Avózinha.
História do Mama-na-burra.
História de Ali-Babá e os 40 ladrões.
História do homem que foi buscar o
estandarte a Espanha.
História de João Brandão.

Pedidos à EDITORIAL MINERVA
31, R. Luz Soriano, 33 — LISBOA